

*“O medo seca bocas,
molha e mutila.
O medo de recordar
nos condena à mentira;
o medo de saber
nos condena à ignorância;
o medo de fazer
nos condena à impotência ...*

(Eduardo Galeano).



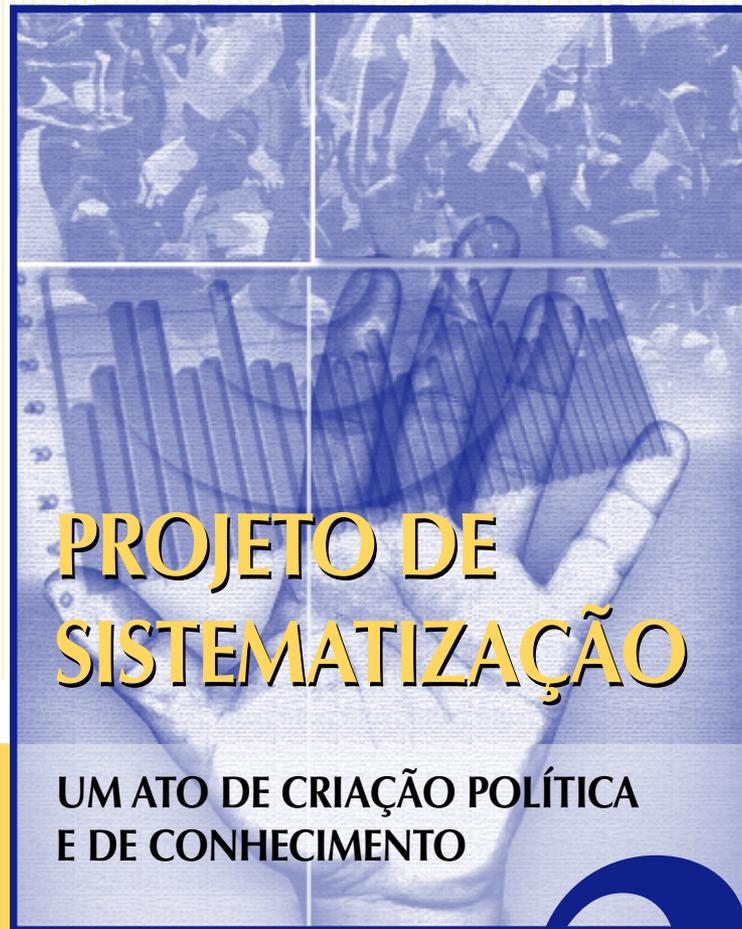
Planfor
Plano Nacional de Qualificação
de Trabalhadores



MINISTÉRIO DO
TRABALHO E EMPREGO



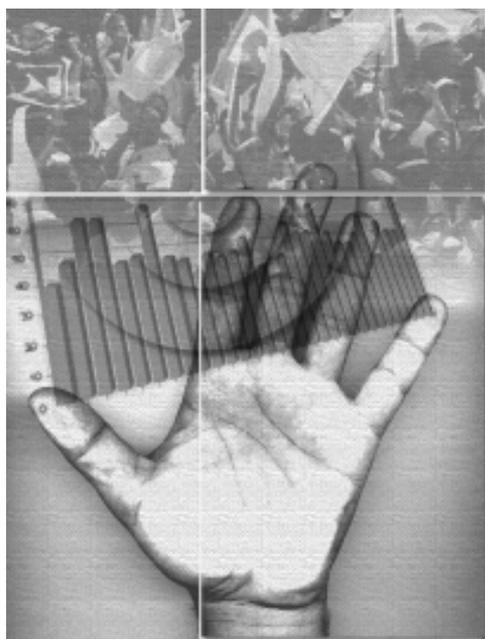
PROJETO DE SISTEMATIZAÇÃO - UM ATO DE CRIAÇÃO POLÍTICA E DE CONHECIMENTO



PROJETO DE SISTEMATIZAÇÃO

UM ATO DE CRIAÇÃO POLÍTICA
E DE CONHECIMENTO





PROJETO DE SISTEMATIZAÇÃO

**UM ATO DE
CRIAÇÃO POLÍTICA
E DE CONHECIMENTO**

**SÃO PAULO
DEZEMBRO 2000**

SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO

Altemir Tortelli
Secretário Nacional de Formação

Martinho da Conceição
Coordenador-Geral



ASSESSORES DE FORMAÇÃO

Dirceu Fumagalli, Egeu Gomes Furtado, Gilberto Barbosa da Silva, João Marcelo Pereira dos Santos, Maria Esther Basualdo, Maristela Miranda Bárbara, Marta Domingues, Paula Cristina Bernardo, Rosana Myashiro Fahl, Sirley Márcia de Oliveira/Dieese

Organizadores do caderno

Dirceu Fumagalli
João Marcelo Pereira dos Santos
Maria Esther Basualdo

Equipe dos Projetos

Formação de Formadores
Formação de Gestores em Políticas Públicas
Programa Integração-SNF/CUT

Revisão:

Maria Lúcia Becker – MTb 3624/14/32

Projeto Gráfico

Garage Digital
www.garagedigital.com.br

Impresso em dezembro de 2000
Tiragem 1.000 exemplares



SUMÁRIO



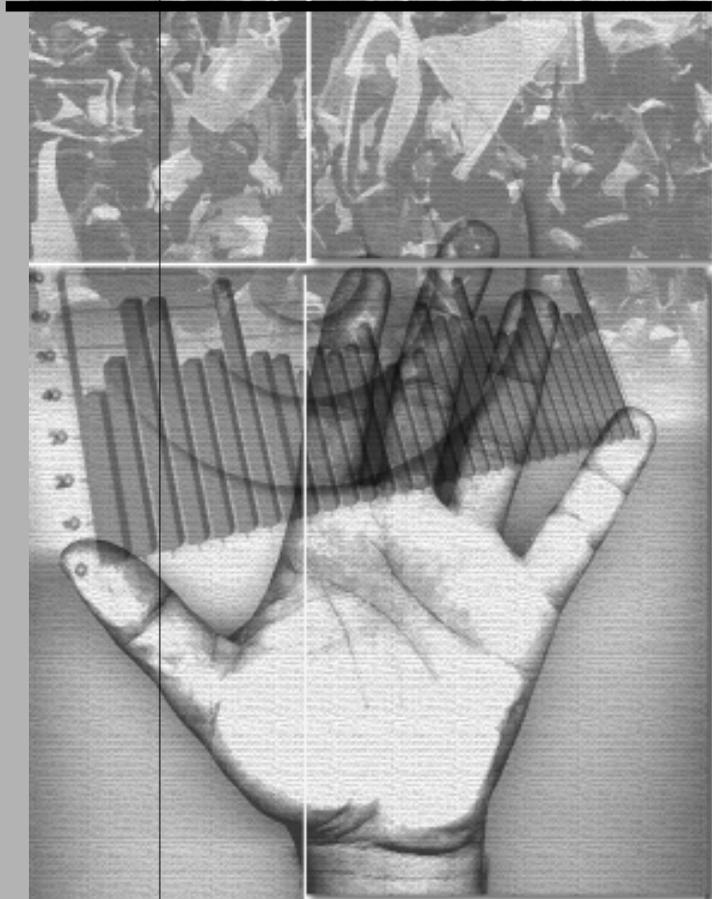
OS OBJETIVOS DA SISTEMATIZAÇÃO	10
OS SUJEITOS DA SISTEMATIZAÇÃO	12
DEFININDO O OBJETO DA SISTEMATIZAÇÃO	14
EXEMPLOS DE EIXOS DE SISTEMATIZAÇÃO	16
PERGUNTAS ORIENTADORAS	17
SÍNTESE DO PRIMEIRO MOMENTO DE UM PROJETO DE SISTEMATIZAÇÃO	18
OS PRODUTOS DA SISTEMATIZAÇÃO	23
OS MOMENTOS METODOLÓGICOS DE UMA SISTEMATIZAÇÃO	24
PARA ELABORAR UM PROJETO DE SISTEMATIZAÇÃO João Francisco de Souza	28
SISTEMATIZAÇÃO... E AGORA? Pensando em análise e interpretação Elza Maria Fonseca Falkembach	37



*“O medo seca bocas,
molha e mutila.
O medo de recordar
nos condena à mentira;
o medo de saber
nos condena à ignorância;
o medo de fazer
nos condena à impotência ...*

(Eduardo Galeano).

APRESENTAÇÃO



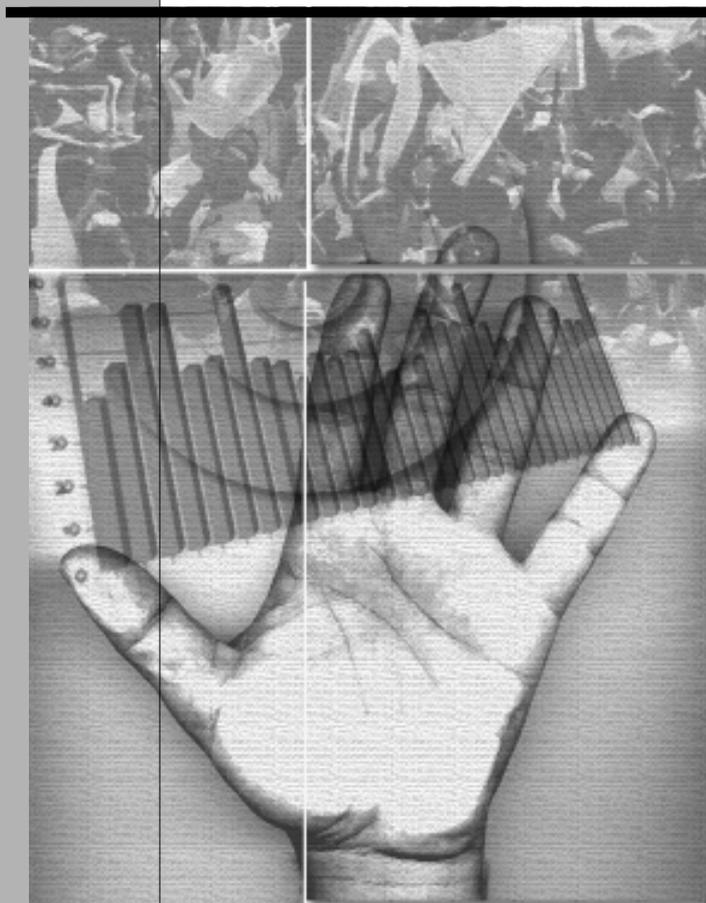


Assim como não foi nossa intenção disponibilizar um conceito único e acabado do que vem a ser a sistematização no caderno *“O que é sistematização? Uma pergunta. Diversas Respostas”*, neste, em nenhum momento, desejamos fornecer um manual para ser aplicado em qualquer circunstância. Com esse caderno, estamos propondo um conjunto de possibilidades, dicas, pistas ... que poderão auxiliar na construção de um projeto de sistematização de nossas experiências, particularmente as educativas. Uma vez que não é um modelo, seu manuseio requer escolha e re-criação, e sua transposição mecânica e a-crítica poderá, desde o início, anular uma das dimensões essenciais da sistematização: a criatividade.

Esse caderno também é dedicado e destinado aos educadores e educadoras, aos educandos e educandas, a todos e todas que de alguma maneira estão envolvidos e engajados nas experiências político-educativas desenvolvidas pela Central Única dos Trabalhadores.

João Marcelo Pereira dos Santos

PRIMEIRO MOMENTO DA SISTEMATIZAÇÃO



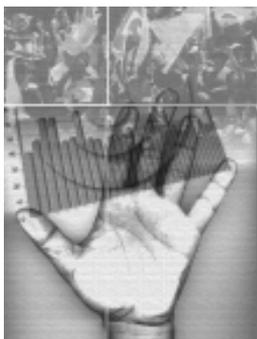


O primeiro momento da sistematização pode ser deflagrado a partir de uma oficina (Oficina de Sistematização). Nesta ocasião, os integrantes da experiência encontram-se para confrontar suas percepções e saberes e discutir o que estão entendendo por sistematização. A partir da própria trajetória histórica de cada um e de contribuições vindas de outros (educadores contatados para contribuir com o grupo, textos sobre sistematização, vídeos, leitura de outras experiências sistematizadas etc), o grupo atribui coletivamente *o seu significado* à sistematização.

Espera-se que, neste primeiro encontro, os participantes e a instituição formulem uma primeira aproximação coletiva a respeito do que seja a sistematização. Obviamente, não se trata de uma definição sem qualquer possibilidade de ser ampliada ou corrigida no decorrer do processo, mas algo que possibilite, no início, uma primeira identidade coletiva sobre o que é e qual o significado da sistematização.

Geralmente, no decorrer desta discussão inicial, emergem as motivações que estão impulsionando os participantes e a instituição a quererem investir na sistematização de suas experiências. Este é o momento adequado para se perguntar *por quê* e *para quê* está sendo afirmada a necessidade da realização de uma atividade sistematizadora.

Após o coletivo amadurecer sua percepção do que seja a sistematização e de partilhar as justificativas e motivações ..., a formulação ***de aonde se pretende chegar*** pode ser expressa na forma de objetivos da sistematização.



OS OBJETIVOS DA SISTEMATIZAÇÃO

Exemplos de objetivos definidos em projetos de sistematização da Rede de Formação da CUT:

- “Contribuir para o desenvolvimento de sujeitos com capacidade crítica para atuar na reflexão, elaboração e ação política no campo da formação profissional”.
(Relatório do Plano de Sistematização do Projeto Integral CUT/MTb/ Sefor 1998-2000)
- “Contribuir com o processo de elaboração de uma política pedagógica alternativa no campo da formação profissional”.
(Relatório do Plano de Sistematização do Projeto Integral CUT/MTb/ Sefor 1998-2000)
- “Contribuir para o fortalecimento da identidade metodológica para/na Escola Sul”.
(Relatório do Projeto de Sistematização da Escola Sul – CUT, 2000).
- “Dar visibilidade às ações e experiências educativas desenvolvidas pela formação, visando à disputa de um projeto político-pedagógico de educação da classe trabalhadora”.
(Relatório da Oficina de Sistematização Escola Centro Oeste, 2000).
- “Compreender o processo de construção coletiva do conhecimento, privilegiando a relação educador x educando, o ponto de partida dos debates e a valorização do conhecimentos dos trabalhadores (as)”.
(Tácito Pereira dos Santos. “Contribuições ao processo de sistematização da Escola Chico Mendes”).



“Toda prática social, todo grupo tem diferentes sujeitos envolvidos, uns direta, outros indiretamente, mas todos ajudam a construir a experiência e desempenham papéis, ora mais, ora menos definidos. É importante contar com os diferentes olhares e acúmulos para auxiliar nosso pensar coletivo”.



OS SUJEITOS DA SISTEMATIZAÇÃO

Quando estamos desenhando um projeto de sistematização, é bastante comum surgirem as seguintes perguntas: Quem são os sujeitos do processo de sistematização? Os educandos participam? Qual o papel e a contribuição da direção? E os representantes da instituição, como serão integrados no processo?

De imediato, devemos afastar a tentação de encomendar para terceiros a realização da sistematização. *“Não é possível que uma pessoa totalmente alheia à experiência pretenda sistematizá-la”*¹. A sistematização não é propriedade de especialistas, reservada apenas a poucos mortais, mas acessível a todos. Assim como não é razoável subestimar sua complexidade, também não podemos transformá-la em “bicho de sete cabeças”. É um desafio e uma conquista posta para todos aqueles que, através de suas experiências, buscam transformar o mundo que lhes cerca.

Já vimos anteriormente que um dos grandes méritos da sistematização é possibilitar a seus participantes a percepção de si mesmos como sujeitos de suas próprias experiências. O que exige um rompimento com as relações de sujeição. Sendo uma prática que leva à conscientização, deve se converter em um processo sedutor e envolvente de todos os implicados. Como bem recomenda Miguel Arroyo, *“não devemos esquecer que antes das práticas educativas, antes dos recursos, dos instrumentos, dos planos de trabalho, existem sujeitos”*².

Sendo um processo aberto, revelador de sujeitos e atento a todos os

olhares e vozes, a sistematização deve permitir que a diversidade das experiências educativas e dos sujeitos aflore. A sistematização não pode inibir a diversidade, deve deixar que a riqueza do diverso brilhe. Se, de um lado, a sistematização revela a diversidade das nossas experiências, por outro, ela é avessa à hierarquização dos sujeitos e das experiências, onde uns cabem e outros não; onde uns são prioritários e outros não são.

Por outro lado, é necessário evitar a exigência de que todos participem de tudo e de igual modo. No processo de sistematização, cada um participa a partir do lugar em que se encontra (educadores, educandos, dirigentes ...). Na medida em que temos clareza sobre o significado da sistematização e da diferença de papéis, de lugares e intencionalidades dos sujeitos implicados, torna-se mais fácil a inclusão de todos os que se dispuserem a participar no processo de sistematização de suas experiências. *“É fundamental envolver todos os sujeitos na sistematização da experiência. É óbvio que nem todos vão fazer tudo. Mas a reflexão da prática deverá passar por todos”*³.

Neste aspecto, a elaboração de um conhecimento prévio dos envolvidos com a experiência a ser sistematizada pode ajudar bastante: qual o perfil, a trajetória, as expectativas dos participantes?

¹ HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para Sistematizar Experiências*. João Pessoa: Editora Universitária-UEPB, 1996.

² ARROYO, Miguel. “A Formação em Movimento: a prática metodológica da CUT”. In *Caderno Formação de Formadores. Integração*, CUT, 2000.

³ FALKEMBACH, Elza. *Sistematização*. In *Série Educação Popular*. Ijuí, Editora UNIJUI, 1991.



DEFININDO O OBJETO DA SISTEMATIZAÇÃO

Parece uma obviedade, mas, para sistematizar uma experiência, antes de mais nada é necessário a existência da própria experiência: *“não se pode sistematizar algo que não foi posto em prática previamente”*.

Subestimar a complexidade e a série interminável de variáveis e dimensões que constituem as nossas experiências, particularmente as educativas, não é uma postura razoável. Jamais conseguiremos abarcar todos os aspectos e meandros das nossas experiências. Por isso, o conhecimento é sempre aproximativo, parcial e inconcluso. Daí a importância de delimitarmos cuidadosamente o foco da experiência a ser sistematizada, *“pois é a partir dele que vamos acompanhar o desenvolvimento da nossa experiência, analisando-a, produzindo conhecimento e incorporando-o a prática”*. A definição do foco assemelha-se ao *“fio condutor que atravessa a experiência. Coluna vertebral que nos comunica com toda a experiência”*⁴.

Para delimitar o objeto da sistematização, seria mais fácil se pudéssemos aplicar uma fórmula matemática. Mas a sistematização não se assemelha à construção de um edifício, onde as fórmulas matemáticas possuem aplicabilidade. Geralmente, o momento da definição do objeto da sistematização é muito delicado, gerador de embaraços e dúvidas. Sem nenhuma pressa, sugere-se que o grupo se esforce, tenha cautela e trave um diálogo profundo para acertar o alvo.

Para tanto, sugere-se um exame dos objetivos, das estratégias mais ge-

rais da experiência (por quê, para quê e como estamos realizando determinada experiência?). É importante retomar a missão, a natureza e os objetivos da instituição que está patrocinando o desenvolvimento da experiência. Também se deve interrogar a experiência em si, para dela extrair as indagações, as problemáticas ... que foram colocadas. De qualquer modo, o foco deve ser algo significativo para os sujeitos envolvidos, para quem vai sistematizar e, se for o caso, para a instituição que responde pela experiência.

⁴ JARA, Oscar. *Para Sistematizar Experiências*. p. 96.



EXEMPLOS DE EIXOS DE SISTEMATIZAÇÃO

“Como e em que medida partimos da prática e se nosso processo formativo muda e qualifica nossa prática?”

(Relatório do Projeto de Sistematização da Escola Sul – CUT, 2000).

“O curso de formação de formadores e sua relação com o fortalecimento da rede de formação cutista na região: o papel da formação na ação sindical”.

(Tácito Pereira dos Santos: “Contribuições ao processo de sistematização da Escola Chico Mendes”).

“O processo de construção de saberes, na sua relação com as práticas político-formativas, vivenciado nos percursos formativos do Projeto de Formação Integral”

(Relatório do Plano de Sistematização do Projeto Integral CUT/MTb/Sefor 1998-2000).



PERGUNTAS ORIENTADORAS

A formulação de perguntas, a partir do eixo definido, pode ser um caminho para tornar o objeto da sistematização mais claro.

Exemplos de perguntas orientadoras:

“Em que medida as ações educativas desenvolvidas pela Escola Sindical Centro Oeste possibilitam que o público participante torne-se sujeito de suas experiências educativas?”

(Relatório da Oficina de Sistematização. Escola Centro Oeste, 2000).

“Como a questão do desenvolvimento regional está perpassando pelas diversas ações educativas desenvolvidas pela Escola Sindical Centro Oeste”.

(Relatório da Oficina de Sistematização. Escola Centro Oeste, 2000).

“Como o Projeto de Formação Integral favorece o desenvolvimento e a articulação das diferentes dimensões dos saberes: técnico e político, coletivo e individual, cognitivo e emocional, tácito e formal, objetivo e subjetivo?”

(Relatório do Plano de Sistematização do Projeto Integral CUT/MTb/Sefor 1998-2000)

“Como as atividades educativas do Projeto de Formação Integral trabalharam as dimensões educativas e organizativas; o organizativo com a ação política mobilizadora; a política mobilizadora com o organizativo?”

(Relatório do Plano de Sistematização do Projeto Integral CUT/MTb/Sefor 1998-2000).

SÍNTESE DO PRIMEIRO MOMENTO DE UM PROJETO DE SISTEMATIZAÇÃO



1. Construção do significado da sistematização para o grupo que irá realiza-la;

2. Definição dos objetivos da sistematização (sistematizar para ...);



3. Visualização dos sujeitos engajados na experiência a ser sistematizada (quem são os sujeitos da sistematização);

4. Descrição prévia da experiência a ser sistematizada;



5. Construção do objeto da sistematização:

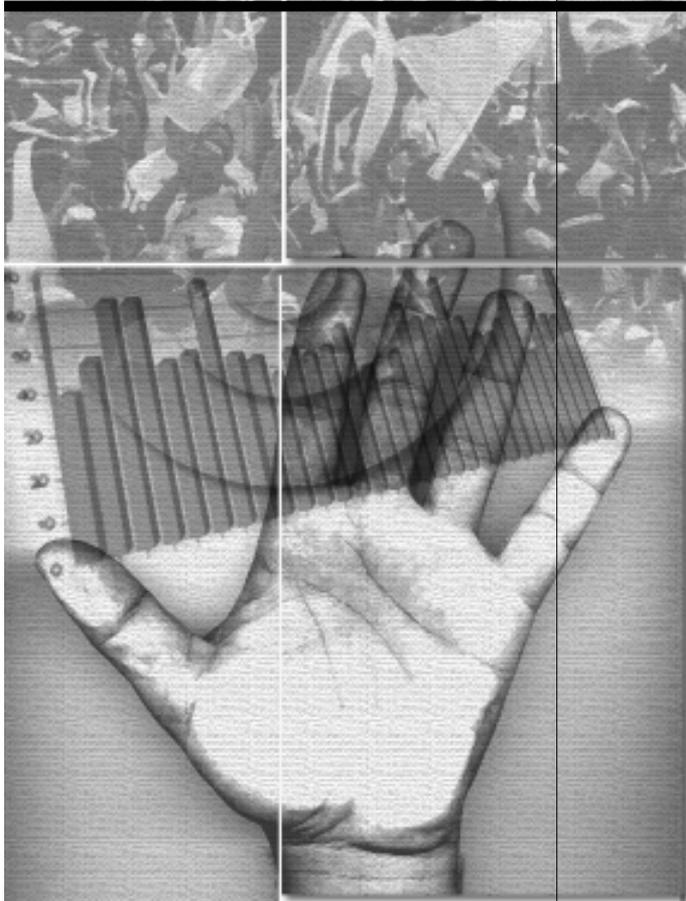
- eixos da sistematização;
- perguntas orientadoras da sistematização.



“... Gostaria de alertar sobre o cuidado que devemos ter em não fazer de todo o projeto de sistematização um mero instrumento. Cuidado ... Cuidado, que, às vezes, pegamos esses chavões e fazemos deles instrumentos, métodos, coisas”

(Miguel Arroyo)”.

*ARROYO, Miguel. “A Formação em Movimento: a prática metodológica da CUT”. In **Caderno Formação de Formadores**. Integração, CUT, 2000.*



SEGUNDO MOMENTO DA SISTEMATIZAÇÃO

O segundo momento da sistematização deve ser dedicado ao tratamento da parte operacional. Mais uma vez, chamamos a atenção para o fato de que a elaboração dos procedimentos necessários para garantir a realização da sistematização não deve ser tomada como um dogma que, depois de proclamado, não permite emendas. Os planos para realizar a sistematização são falíveis, portanto, estão sujeitos a correções e ajustes no decorrer do processo.

Neste momento, é importante visualizar o processo a ser desenvolvido, projetando no tempo e no espaço as ações e atividades. Após a definição das atividades ou ações da sistematização, é bom olhar se existe uma coerência e se elas estão concatenadas. Na proporção em que as ações e suas intencionalidades (o que se espera atingir com cada passo dado) vão sendo definidas, as responsabilidades, tanto pessoais quanto coletivas e institucionais, vão se colocando e exigindo dos participantes a explicitação de seu engajamento.

É preciso ficar claro até onde as pessoas e, principalmente, as instituições estão dispostas a investir nas condições que irão garantir que o projeto desejado transforme-se em realidade e dê resultados.

Cuidado para não transformarmos esse momento em algo mecânico, onde jogamos no papel atividades muitas vezes desconexas e distribuímos responsabilidades que, na primeira oportunidade, serão esquecidas.



OS PRODUTOS DA SISTEMATIZAÇÃO

Em momentos anteriores, já destacamos a importância de proporcionarmos visibilidade às nossas experiências. Não no sentido de incentivarmos uma prática exibicionista ou de propaganda pura e simples. Não podemos banalizar nossas experiências e não é com essa perspectiva que sistematizamos. Os produtos da sistematização (texto, vídeo, música, conto, poesia, histórias ...) deverão estabelecer canais de diálogo com outros atores, próximos e distantes, evidenciando que a construção de saberes é algo coletivo e que o projeto de uma nova sociedade é algo que vai se delineando a partir do diálogo do fazer e do saber dos mais fracos e oprimidos. Com este entendimento, os produtos da sistematização contribuem na disputa da hegemonia de um projeto alternativo de sociedade gestado pelos sujeitos e suas experiências.

Por isso, é insuficiente fazermos a expedição dos produtos (colocar no correio) da sistematização. É necessário buscar interlocutores, penetrar e promover circuitos de troca e intercâmbio de experiências etc. Os produtos de uma sistematização, somados “com outras vozes”, terão ressonância e farão eco até mesmo nos ouvidos dos mais surdos.

Costumeiramente, traduzimos os produtos da sistematização em textos, que são publicados em cadernos, revistas, livros etc. O texto escrito possui uma força incalculável, que não queremos menosprezar. Chamamos a atenção apenas para a necessidade de exercitarmos a nossa capacidade criativa no sentido de que os produtos da sistematização sejam sedutores e comuniquem, no sentido mais pleno da palavra. Portanto, muito mais do que descrever os produtos, exige-se a elaboração de uma estratégia para a comunicação de nossas experiências.



OS MOMENTOS METODOLÓGICOS DE UMA SISTEMATIZAÇÃO



MOMENTO

- Viver a experiência
- Definir o objetivo da sistematização
- Delimitar o objeto a sistematizar
- Precisar um eixo de sistematização
- Recuperar o processo vivido
- Reconstrução histórica
- Ordenação e classificação da informação
- Interpretação crítica
- Análise
- Síntese
- Formular conclusões
- Elaborar produtos de comunicação



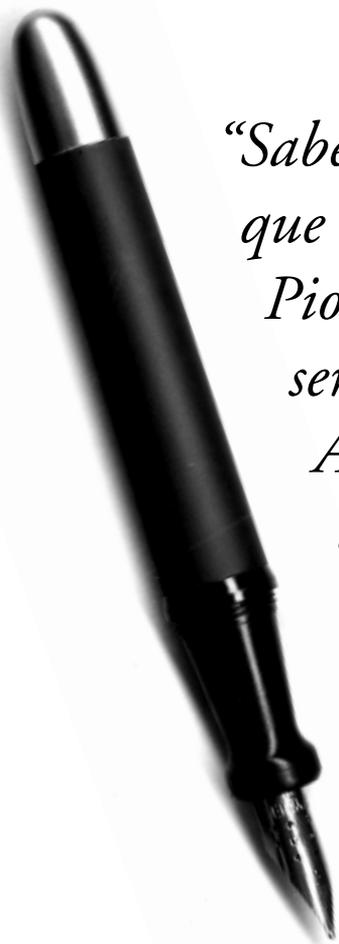
CARACTERÍSTICAS

- Ter participado da experiência
- Para que queremos fazer a sistematização
- Ter clara a utilidade da sistematização
- Que experiência vamos sistematizar
- Delimitar o tempo e espaço da experiência
- Precisa o enfoque central e evita a dispersão
- Que aspectos nos interessam mais
- Reconstrói de forma ordenada o que sucedeu, tal como se passou
- Classifica a informação disponível
- Identifica etapas, mudanças, momentos significativos de todo o processo
- Analisa cada componente em separado
- Pergunta pelas causas do acontecido
- Permite identificar as tensões e contradições
- Observa particularidades e o conjunto, o pessoal e o coletivo
- Possibilita confrontar os objetivos da sistematização
- Podem ser formulações teórico-práticas
- São as principais afirmações que resultam do processo
- São formas para tomar comunicável o aprendizado



RECOMENDAÇÕES

- Registrar o que vai ocorrendo
- Levar em conta a missão e a estratégia institucional
- Levar em conta os interesses e possibilidades pessoais
- Não é necessário abarcar toda a experiência
- Pensá-lo como um fio condutor que atravessa a experiência
- Recomenda-se como uma relação entre aspectos
- O eixo de sistematização deve servir-lhe de guia
- Organizar a informação de forma clara e visível
- É preciso basear-se em todos os registros possíveis
- Determinar as categorias e variáveis para ordenação
- Chegar a entender a lógica da experiência
- Chegar a compreender os fatores chaves ou fundamentais
- Confrontar com outras experiências e teorias
- Podem ser dúvidas e inquietações em aberto
- São pontos de partida para novos aprendizados
- Observar a contribuição da experiência para o futuro
- Deve-se compartilhar os resultados com todos os envolvidos
- Recorrer a formas diversas e criativas



*“Saber que será má a obra
que não fará nunca.
Pior, porém,
será a que nunca se fizer.
Aquela que se faz,
ao menos, fica feita.
Será pobre, mas existe”*

(Fernando Pessoa.
Livro do Desassossego, 1995).

Depois de concluído o plano da sistematização, chega o momento tido como mais complexo: o da análise da experiência e construção da sistematização propriamente dita. Como subsídio, incluímos dois textos, que certamente ajudarão a tornar a sistematização uma prática real e mais acessível.



PARA ELABORAR UM PROJETO DE SISTEMATIZAÇÃO

*João Francisco de Souza**

REALIZAR A SISTEMATIZAÇÃO: o primeiro passo é recolher e ordenar o material, analisando as informações. Selecionar fontes e informações que sejam confiáveis, pertinentes e que abarquem todos os aspectos. Os elementos da sistematização podem ser sujeitos, objetos ou conceitos.

Em uma experiência, podemos sistematizar um ou vários aspectos, por exemplo:

- Nosso processo orgânico;
- Os programas ou áreas de trabalho;
- A comunicação;
- Experiências/processos de formação e capacitação;
- A administração;
- A metodologia;
- Experiências comunitárias;
- As relações com agências de cooperação, organizações/movimentos populares, entidades congêneres, outras organizações/movimentos da sociedade civil, organismos governamentais.

Não há modelos ou esquemas ideais, mas, sem dúvida, podemos apontar alguns passos ou elementos básicos para um processo de sistematização:

* SOUZA, João Francisco. "Para elaborar um projeto de sistematização". *In Tópicos Educacionais*. Recife-PE:UFPE, Centro de Educação, Vol. 15, Nº 1/3, 1997.

- O contexto geral no qual se desenvolve a experiência;
- O desenvolvimento (processo) da nossa experiência;
- As idéias que sustentam a experiência;
- A análise do que aconteceu;
- Os resultados e perspectivas do trabalho;
- As conclusões gerais (para além da experiência).

PLANEJANDO O PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO

A questão a essa altura é, pois, como proceder para organizar um processo de sistematização que constitua um instrumento didático de projetos de intervenção institucional e dos movimentos sociais populares. Como realizá-lo, de tal maneira que concretize sua filosofia, pedagogia e política?

Esquemáticamente, poderemos identificar os seguintes passos:

- **Trabalho de Planejamento;**
- **Trabalho de Campo;**
- **Trabalho de Interpretação;**
- **Trabalho de Comunicação.**

Essas diferentes modalidades de trabalho poderão ser documentadas da forma como se passa a descrever, consubstanciando o processo da atividade sistematizadora.

PROJETO DA ATIVIDADE SISTEMATIZADORA

No trabalho de planejamento, há vários momentos ou passos. Parecem-nos fundamentais os que são a seguir explicitados. Podem, no entanto, ganhar maior complexidade e ampliação.

1. O primeiro passo é a identificação da necessidade de sistematização. A descrição das razões que podem levar o agente social, a instituição, um programa ou apenas um dos projetos de um programa a afirmar que é preciso realizar uma atividade sistematizadora. Ao formular o POR QUÊ, configura-se a importância ou a justificativa da realização de uma atividade sistematizadora. Ao explicitar as razões da necessidade da atividade sistematizadora, formula-se o problema da sistematização, que corresponde à construção do PROBLEMA/OBJETO de estudo desse processo de sistematização. Deve-se também explicitar o PARA QUÊ, ou seja, construído esse objeto de estudo, ele vai servir para quê? Explicitam-se, assim, os objetivos dessa atividade sistematizadora da experiência que vai servir de campo empírico para o processo sistematizador.

2. O segundo passo ou momento é a construção dos fundamentos teórico-metodológicos dessa atividade sistematizadora. Certamente, o grupo ou equipe que vai se ocupar dessa sistematização não é o primeiro a tratar do tema escolhido, isto é, desse objeto de estudo da sistematização. O tema escolhido ou o assunto da sistematização (OBJETO DE ESTUDO) já deve ter sido estudado por outros. Por isso, é importante fazer uma análise da literatura que trate desse assunto, consultar a bibliografia existente sobre o objeto de estudo ou objeto similar à qual se possa ter acesso. Se já existem explicações, interpretações e compreensões plausíveis sobre o assunto, é importante estudá-las. Pode acontecer que, estudando as opiniões de outros sobre o problema, o grupo descubra o sentido da questão ou da experiência para si e chegue a uma formulação mais adequada a seus interesses, ou conclua que não se justifica uma atividade sistematizadora sobre o mesmo assunto.

É sempre bom lembrar: busca-se a apropriação da experiência ou da vivência por seus próprios sujeitos. E, justificando-se a atividade sistematizadora, os que se interessam por ela têm de responder à seguinte indagação:

Qual a concepção do objeto da qual partimos?

Essa construção deve ser feita não somente a partir de estudos anteriores, ou seja, da revisão bibliográfica, mas, também, do que propõe a intervenção institucional sobre aquele assunto diretamente, ou de inferências que podem ser elaboradas a partir de seus documentos oficiais.

Em seguida, os interessados na atividade sistematizadora deverão responder à seguinte pergunta: Como vamos proceder para encontrar as informações necessárias à construção dos dados que garantirão a reconstrução do objeto, isto é, a resposta ao problema de sistematização? Trata-se, aqui, de planejar o trabalho de campo e de interpretação.

3. O terceiro passo do trabalho de planejamento será o detalhamento:

Do trabalho de campo;

Do trabalho de interpretação;

Das sessões de argumentação, que são uma volta ao trabalho de campo; e,

Da incorporação das novas contribuições que emergirem da(s) sessão(ões) de argumentação.

Nesse processo, não esquecer:

Do grupo estratégico, ou seja, das pessoas que vão identificar e participar direta e ativamente dos processos de sistematização;

De organizar o calendário, ou seja, a distribuição das atividades no tempo e no espaço, assim como das diferentes responsabilidades; e

De esboçar a forma de divulgação dos resultados, isto é, a comunicação dos resultados da construção que foi possível no processo de sistematização.

Esse processo de planejamento terá de se expressar num documento. Esse é o PLANO DE SISTEMATIZAÇÃO. Um documento que concretiza o resultado do planejamento e garante o disciplinamento necessário à realização da atividade sistematizadora. Nesse documento deve aparecer:

I. INTRODUÇÃO;

1. Exposição da necessidade da sistematização: as razões que justificam a realização do processo de sistematização (Por que sistematizar?);

2. O problema/objeto da sistematização (o que vai ser sistematizado ou estudado?): a descrição do problema da sistematização, que pode ser concluída com uma PERGUNTA, a ser respondida pelo processo que será vivenciado. E o anúncio do OBJETO da sistematização, que é a resposta à pergunta formulada. Trata-se da hipótese ou suposição de resposta. Supõem-se possíveis respostas à pergunta ou problema da sistematização. São as suposições dessa resposta que constituem a concepção da qual se parte para a atividade sistematizadora. Isto é, a visão que se tem do objeto de estudo antes da realização da atividade sistematizadora (O que sistematizar?). Essas suposições serão confrontadas com as descobertas feitas no trabalho de interpretação a partir das informações obtidas no trabalho de campo.

3. A explicitação dos objetivos dessa atividade sistematizadora. A construção dos objetivos pode ser obtida pela resposta às seguintes perguntas:

Elaborado o objeto de estudo, ele vai servir para quê?

Além do objetivo intrínseco à atividade sistematizadora, que é a apropriação da mesma por *seus sujeitos*, para que sistematizar essa experiência?

II- PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste segmento, são explicitadas todas as idéias sobre o objeto de estudo que o grupo estratégico ou a equipe de sistematização conseguiu construir a partir da revisão bibliográfica, da proposta institucional e de suas próprias idéias. A construção prévia do objeto da atividade sistematizadora. Nessa parte, além da explicitação do objeto de estudo, será necessário formular os procedimentos do trabalho de campo e do trabalho de interpretação. Devem

ficar o mais claro possível todos os passos a serem realizados para a obtenção das informações necessárias à construção dos dados que permitirão a reelaboração do objeto de estudo: o que vai ser feito e como, tanto no trabalho de campo como no interpretativo. Assim, formular-se-ão todas as suposições com as quais se inicia o trabalho de campo da atividade sistematizadora e o que se pretende fazer na interpretação das informações colhidas.

Claro que tudo isso é provisório e pode ser completamente modificado no decorrer da atividade sistematizadora. Mas é um guia indispensável, sem isso não se fará nada. Esquemáticamente, essas construções poderão aparecer na seguinte ordem:

1. Concepção do objeto. Essa é construída a partir da literatura sobre o assunto, da proposta institucional e das idéias do grupo estratégico. Como foi dito anteriormente, é importante saber o que já se afirmou sobre esse objeto, pois, segundo a perspectiva epistemológica adotada neste artigo, um novo saber se produz a partir de um saber anteriormente existente. Mas certamente a instituição promotora da intervenção também tem uma concepção e expectativas relacionadas a ele. É preciso organizar essa visão. Por outro lado, o grupo estratégico também tem suas idéias sobre o objeto. Essa revisão do que já se disse e se pensa sobre o assunto é importante, porque permitirá descobrir o novo que está sendo construído a partir da intervenção institucional e da experiência dos envolvidos na intervenção.

2. Procedimentos no trabalho de campo. O objetivo do trabalho de campo é recolher informações a serem transformadas em dados. Esses dados permitirão a elaboração do objeto dessa atividade sistematizadora através do seu confronto com a noção do objeto que fora ponto de partida do processo sistematizador.

Essas informações poderão ser recolhidas através de variadas técnicas. Entre elas, são mais apropriadas à concepção de sistematização que aqui se maneja:

- As entrevistas em profundidade;
- As histórias de vida;
- A observação participante;
- A participação observante;
- Os documentos escritos (atas, boletins, informativos, relatórios etc).

3. Procedimentos para o trabalho interpretativo

O objetivo do trabalho interpretativo é transformar as informações em dados e reconstruir o objeto de estudo, bem como tirar conclusões a partir da atividade sistematizadora sobre o sentido da experiência. A técnica mais apropriada é a da análise de discurso (Pucinelli, 1996) e/ou de conteúdo, pois permite(m) a construção de sentido. Essa(s) técnica(s), através da transformação dos elementos que compõem o objeto de estudo em unidades de análise, permite(m) a reconstrução do sentido. É a partir da análise da literatura, das expectativas institucionais e das idéias do grupo estratégico sobre o objeto da sistematização que serão elencados os elementos que compõem a noção deste objeto. As idéias centrais que compõem a noção do objeto serão as unidades de análise. Têm-se, assim, as indicações do que se buscar na caótica lista das informações obtidas no trabalho do campo. Nessas informações, buscar-se-ão os conteúdos para as unidades de análise. A elaboração dessas unidades de análise, a partir dos dados construídos com as informações adquiridas no trabalho de campo, permitirá a reconstrução do objeto de estudo. Na síntese do objeto, se encontrará o sentido da experiência para os seus sujeitos.

COMO BUSCAR O CONTEÚDO DAS UNIDADES DE ANÁLISE?

Procede-se, primeiro, uma leitura impressionista das anotações das observações, das entrevistas, dos documentos.

Em seguida, faz-se uma leitura tematizada, de acordo com as unidades de análise escolhidas, ou seja, buscam-se nos fragmentos dos discursos (anotações, documentos, entrevistas), os aspectos que poderão contribuir para a

construção daquela unidade de análise.

Depois, faz-se uma leitura comparativa, no interior de cada unidade de análise, das falas dos diferentes sujeitos referentes àquela temática, sempre qualificando quem fala, sem necessariamente colocar nome. Explicitam-se suas recorrências, suas ambigüidades, contradições, incertezas, inseguranças etc.

Finalmente, com esses dados, re-elabora-se o objeto de sistematização, acrescentando-se à concepção, da qual se partiu como hipótese, dados novos adquiridos a partir da interpretação das informações obtidas no trabalho de campo. Elabora-se um texto sobre o objeto. Esses são os resultados da atividade sistematizadora.

Sessão de argumentação: Com o texto final provisório, sobretudo se a interpretação foi realizada apenas pelos agentes ou pelo grupo estratégico, convocam-se todos os que estiverem envolvidos no processo sistematizador para examinar esse texto. Essa sessão de argumentação é fundamental para a apropriação da experiência e para conferir a construção dos agentes ou do grupo estratégico. Deverão participar todos os sujeitos da sistematização (agentes, grupo estratégico, beneficiários que, de uma forma ou de outra, se envolveram na atividade sistematizadora).

As novas contribuições da sessão de argumentação deverão ser incorporadas ao texto final. Deve-se, nesse momento, também decidir sobre o que se vai fazer com o produto da atividade sistematizadora, decidir sobre a sua comunicação: através de um artigo, de um livro ou de uma peça de teatro. A sistematização engloba, portanto, processos e produtos da elaboração de sentido ou saberes.

III- RESULTADOS

Os resultados, para além do texto produzido como construção do objeto de estudo, que de fato é uma reconstrução de sentidos, podem ser condensados num artigo de divulgação, num livro, num relatório científico, num VT, numa

peça de teatro. A reconstrução resulta do confronto entre a concepção do objeto de estudo da qual se partiu – elaborada com base na revisão bibliográfica, na proposta institucional e na visão do grupo estratégico – e as informações obtidas no trabalho de campo, que se transformam em dados no trabalho interpretativo. Os produtos (artigo, V.T, peça de teatro, livro), então, propiciarão o estudo tanto dentro do próprio projeto – pelos que participaram da atividade sistematizadora – como por outras pessoas, que não tiveram oportunidade ou não se interessaram num primeiro momento. Destinam-se à comunicação da experiência, para que outras pessoas e instituições (governamentais, não governamentais, acadêmicas, religiosas etc.) possam se enriquecer ao conhecerem experiências de outros lugares, âmbitos e pessoas.

Pode-se, também, com os resultados da atividade sistematizadora, elaborar conclusões, projetos e/ou recomendações, que poderão ser úteis à correção de trajetórias do projeto institucional, de organizações comunitárias de base e de movimentos sociais/populares.



SISTEMATIZAÇÃO... E AGORA? Pensando em análise e interpretação

*Elza Maria Fonseca Falkembach **

Há, entre nós, uma certa resistência em abordar nossas práticas – sejam elas predominantemente educativas, investigativas ou de ação política – tendo como referência **momentos** destas, particularizadamente. Essa resistência atormenta-nos mais se já alcançamos, não sem esforço, navegar pelo mundo epistêmico, tendo avançado na superação do mecanicismo analítico de um positivismo que impregnou nossas vidas, desde o seu cotidiano, rompendo díades do tipo prática-teoria, reflexão-ação, sujeito-objeto presentes também em mal processadas versões do materialismo dialético que pautou muitas de nossas experiências no e sobre o social.

Temos em mente, outrossim, que a sistematização entra em cena na educação popular “como uma expressão particular da busca de modalidades de investigação da ação social no marco da mudança de paradigma que caracteriza essa época de fim de século” (Martinic, 1998: 1). Apesar da diversidade conceitual e metodológica que marca o “mundo” da sistematização, entre as distintas propostas metodológicas que têm circulado no campo da educação popular podem ser identificadas convergências significativas que já começam a demarcar um lugar epistêmico avesso ao mecanicismo, à fragmentação e à padronização.

Mas, ao mesmo tempo em que a sistematização é levada a romper com a rigidez de processos e a conviver com propostas metodológicas abertas e fle-

xíveis, dado o caráter das práticas sociais concretas – objetos desde os quais e sobre os quais se produz conhecimento – e, levando em conta a diversidade dos sujeitos que vivenciam tais práticas, as propostas metodológicas, no desafio de **traçar orientações** e de **propor caminhos** que venham objetivar lógica e intencionalidade próprias, se deparam com limites. Embora se constituam como “um todo”, na qualidade de processos investigativos sobre o social, este todo pressupõe momentos, cada qual gerado nas entranhas de seu antecessor. São momentos amplos e flexíveis de um fazer reflexivo que encarna desafios como a “elaboração do projeto da sistematização”, a “construção da narrativa/objeto”, a “análise e interpretação deste” e a “socialização e reorientação da prática”. Ao afirmarmos que “estamos num momento”, “chegamos a um momento”, “ultrapassamos um momento”, não significa que estamos criando barreiras ao nosso movimento reflexivo, impedindo-o de retornar ao anterior ou adentrar no seguinte. Também não estamos separando reflexão e ação. Vivemos, na sistematização, a dialética do ir e vir no horizonte extensivo do processo (e dos seus momentos) e nas profundezas intensivas da abstração-reflexão (desde a concretude das práticas) pressupostas por este mesmo processo (ora mais, ora menos detidamente). Lidamos com o objeto de uma forma que parece contraditória: para mais e melhor desvendá-lo, mais o recobrimos com teoria.

Acreditamos que essas considerações introdutórias podem ajudar-nos a nos fazermos entender quando destacamos a importância do momento da sistematização que privilegia a “análise e a interpretação da prática”. Que esta afirmação não seja tomada como negadora da presença e da qualidade da reflexão (sistemática e crítica) requerida e despendida em todo o transcorrer da sistematização, desde o estabelecimento do foco da mesma até a construção de recomendações para a prática sistematizada.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA PRÁTICA

Já em outras oportunidades falamos sobre a densidade reflexiva que a construção do objeto da sistematização demanda, tanto no momento em que

estamos traçando o projeto da sistematização como quando estamos produzindo a narrativa primeira, grande responsável pela elevação da prática social que estamos sistematizando ao status de objeto construído, objeto de investigação que funde dimensões teóricas e empíricas em “um mesmo”. Falamos também que essa narrativa primeira passa a provocar novos esforços reflexivos e vai se adensando com teoria à medida que, respondidas as perguntas orientadoras, novas perguntas se colocam no caminho da compreensão da prática. Ressaltamos anteriormente a importância de elegermos um momento da sistematização, em que **movimentos de análise e de interpretação sejam privilegiados**, mesmo que os demais momentos do processo sejam e permaneçam permeados por tais movimentos.

Na sistematização, nossa curiosidade e expectativa quanto ao conhecimento do objeto de investigação e nosso vagar sobre e no interior dele vão trabalhando a ingenuidade do nosso pensamento e vão transitando na direção do que Paulo Freire teria chamado de “curiosidade epistemológica” (1996: 32), que implica conjecturar sobre as lógicas e os sentidos que vamos atribuindo a esse objeto e às relações que ele passa a condensar.

Queremos, outrossim, justificar a importância que atribuímos à construção do objeto, destacando algumas características que dão identidade à sistematização:

1) A experiência a ser sistematizada ou em processo de sistematização – é uma prática social – contém “teoria”, ainda que seus agentes, ou parte destes, não reconheçam as “teorias” que aportam e/ou mesmo não tenham consciência disso; é um real.

2) Ao manifestarem-se em “atos de fala”, recuperando o real, as diversas vozes dos indivíduos e grupos que vão traçando uma narrativa primeira da experiência vão expressando suas percepções e representações desse real, possibilitando, então, o aflorar das referidas “teorias”.

3) Lembrando o que diz Moscovici sobre a situação social em que as representações se constroem, convém destacar algumas das características desta situação e ponderar sobre a relevância de serem levadas em conta nos processos de sistematização. São elas: a) dispersão das informações, que faz

com que, embora cada integrante da experiência disponha de grande volume de dados sobre a experiência em processo de sistematização e sobre o contexto aonde ela vem ocorrendo, estes dados não sejam, por si sós, suficientes para a apreensão da mesma; b) pressão para a inferência, levando o indivíduo, premido pelo desenrolar do diálogo sobre a experiência, a adiantar opiniões que ainda não estão maduras; e c) focalização sobre um determinado aspecto ou ponto de vista (Alves-Mazzotti, 1994: 64), o que não deixa de ser uma limitação para a reflexão. Esta última característica tem nos induzido a muito valorizar a presença de uma **pluralidade de vozes em diálogo** em todo o desenrolar da sistematização, na expectativa de superar ou evitar qualquer tendência reducionista.

4) A sistematização lida com dois filões teóricos. O primeiro corresponde às já referidas **teorias embutidas na prática**, que vamos procurar identificar nos conceitos e categorias que extraímos dos relatos, nos problemas, tensões e possibilidades da prática, especialmente as que rebatem sobre o eixo temático e perguntas orientadoras da sistematização, e também, ao examinarmos elementos em tensão que, embora desviando do referido eixo, insistem em fazerem-se presentes na narrativa. O segundo corresponde às **teorias de “um tipo mais elevado”** que proporcionam perspectiva interpretativa e explicativa: desvendamento de significados, estabelecimento de associação entre elementos da prática, identificação de hierarquias e outros tipos de classificação, e re-significação das próprias teorias da prática. Contudo ambos filões teóricos são “acionados” por demanda de um processo de produção de conhecimento situacional, isto é, colado à prática e direcionado ao aperfeiçoamento desta.

5) Dado o exposto no item anterior, podemos explicitar ainda que, na sistematização, trabalhamos com categorias e conceitos que vamos identificando no desenrolar da prática – associados às teorias objetivadas na mesma – e com categorias e conceitos retirados dos corpos teóricos mais densos e estáveis, “das teorias de tipo mais elevado”. Por exemplo: podemos identificar conceitos de educação (inclusive distintos conceitos) que estão sendo “praticados” numa mesma experiência educativa em processo de sistematização e descrevê-los. Estes conceitos teriam, então, a explicitação do seu

significado “*a posteriori*” à sua objetivação, ou seja, depois ou à medida que vão sendo vivenciados. Podemos, outrossim, lançar mão de conceitos de educação, antecipadamente definidos e associados a construções teóricas já consolidadas, que venham a tornar-se referência para nossos processos reflexivos, buscando identificar em que os conceitos de educação, presentes na prática, se aproximam e em que divergem desses conceitos-referência; se a maior ou menor aproximação a eles acentua ou atenua tensões etc.

O anteriormente exposto contribui para concluirmos sobre a complexidade do objeto da sistematização e sobre a complexidade das tarefas que a sistematização nos coloca. Contudo parece estar aí uma das chaves capazes de auxiliar-nos a seguir na direção de compreendermos um pouco mais como ir rompendo com algumas das já referidas “ingenuidades” que mantemos em relação ao objeto de sistematização e ao conhecimento mesmo, como, por exemplo, acreditar que, através do simples, vamos compreender o complexo. O mesmo pode ocorrer em relação ao agir intencionado que demanda constante recriação, ao invés de replicação, para manter com vida os processos e os sujeitos destes.

O QUE ESPERAMOS DESSE MOMENTO DA SISTEMATIZAÇÃO?

Que o mesmo privilegie e acentue, em profundidade, a **dinâmica reflexiva** que já vem ocorrendo desde o início da sistematização; que esta reflexão possa ocorrer **de forma crítica e sistemática**; e que o conhecimento, então produzido, ofereça elementos para **aprimorarmos nosso fazer**.

Há maneiras diferenciadas de **organizar esse momento** da sistematização. Estas estão em dependência dos respaldos epistemológicos pelos quais optamos. Alfredo Ghiso, analisando experiências de sistematização latino-americanas, elencou alguns deles: o enfoque histórico-dialético, o enfoque dialógico-interativo, o enfoque hermenêutico, o enfoque da reflexividade e da construção da experiência humana, o enfoque desconstrutivo e outros decorrentes de hibridações (1998: 7). Nossas opções nos situariam entre os

híbridos. Por que? Porque insistimos em entender nossas experiências na sua relação com os processos sócio-históricos, mas também atribuímos grande peso à dinâmica interativa que se processa no interior das experiências, à diversidade cultural que esta agrega e aos sentidos que os sujeitos da experiência a ela passam.

Consideramos a força com que os amplos processos sócio-históricos se fazem presentes nos micro-espços do social. Consideramos também a força das diferentes culturas e o papel que estas assumem nas dinâmicas interativas que se instalam nesses micro-espços. Relativizam determinações, reconstróem relações, singularizam a prática social, os fazeres de indivíduos e grupos no interior dela dão colorido às representações que estes constróem sobre a mesma. Enfim, complexificam o todo da experiência, objeto da sistematização. Tais dinâmicas são constituidoras dos indivíduos e grupos que integram a experiência, dado que os levam a vivenciar, desde o seu cotidiano, uma complexidade de relações que, quanto mais internalizadas e conscientes, mais afirmadoras se tornam de identidade social e psicológica. Possibilitar que esta complexidade de movimentos deságüe sobre uma mesma experiência e compreendê-los é o nosso grande desafio. Por essa razão, insistimos em privilegiar, na sistematização, a descrição ou narrativa, a partir de muitas vozes, de modo a favorecer a manifestação de suas tensões, dos problemas e de potencialidades que adicionam à prática e à análise e interpretação do objeto descrito.

Nossa sugestão para a organização dessa **análise e interpretação** pressupõe partir da experiência reconstruída através das narrativas que evidenciam fenômenos, relações e significados atribuídos aos mesmos e decompor essas narrativas, lançando mão das “teorias de tipo mais elevado”, métodos e técnicas que possam ajudar-nos a compreendê-los, conforme a demanda das situações e dos elementos que as narrativas vão apresentando e/ou insinuando.

Mas como fazer isso? Retomamos nossas narrativas para:

- procurar ver se respondem às nossas questões centrais (eixo temático e perguntas orientadoras);
- identificar e agrupar as vozes nelas presentes (o que não significa abandonar idiossincrasias);
- identificar termos reincidentes, aqueles que adjetivam a reincidência e

aqueles que produzem marca pela não-reincidência (rompem com o esperado), buscando o significado que cada um assume em cada momento em que aparece e se o significado muda conforme a voz que o pronuncia. Este é um dos caminhos para a apreensão de conceitos e categorias presentes na prática e para a apreensão dos sentidos a eles atribuídos no desenrolar da experiência;

- associar conceitos e categorias identificadas na prática àqueles decorrentes de teorias que escolhemos como referência;
- buscar compreender melhor as tensões identificadas, não pela determinação simplificadora de suas causas e efeitos, mas procurando associações mais complexas; tecendo a rede de relações que as sustém, deixando também falarem os processos interativos;
- buscar, no tecer a referida rede, acompanhar a extensão dos fios, para maior compreensão da prática na sua singularidade, mas desde os processos que a situam: movimentos desta no tempo, seus adensamentos teóricos, sua presença política no contexto em que ocorre, tendências que reproduz e/ou propõe e rupturas;
- a cada constatação, adicionar um “por quê”, procurando também respondê-lo.

Nossa proposta mantém a preocupação de propiciar, ao maior número possível de integrantes da experiência sob sistematização, oportunidade para participarem desse momento de análise e interpretação. Que possam aproximar-se de ambos filões da teoria por nós referidos; que possam lançar mão de categorias e conceitos que integram corpos teóricos consolidados para maior compreensão daquelas e daqueles que manejam na experiência, já que se constituem em parte dela. A diversidade de vozes em diálogo possibilita a explicitação das perspectivas desde as quais essas vozes emanam, dos significados atribuídos aos diversos elementos da experiência, dos sistemas ou hierarquias de valores em confronto na experiência, das tensões decorrentes e das possibilidades da experiência. Portanto, além de melhor conhecer a experiência, os indivíduos e grupos que passam por um processo de sistematização vão melhor conhecer-se na experiência: suas práticas, seus co-

nhcimentos e sistemas de valores. E poderão optar de forma mais consciente por mudanças. Este momento de análise e interpretação desempenha um papel significativo no desencadeamento e na orientação dessas mudanças.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO: COMO DESENVOLVER ESSE MOMENTO DA SISTEMATIZAÇÃO?

Realizada a narrativa ou descrição da experiência, propomos que sejam dirigidas algumas perguntas ao nosso objeto, de forma a verificarmos se há sustentação para começarmos a adensar os movimentos analíticos e interpretativos do processo de sistematização. Por exemplo, podemos perguntar:

- As descrições estão permitindo situar a prática no contexto histórico-cultural que a sustenta?
- As descrições contam o que foi perguntado, ou seja, respondem às perguntas orientadoras?
- Respondem tanto às perguntas que procuraram apreender o “o quê” quanto as que buscaram o “como”, o “por quê” e o “quem”, nas experiências em processo de sistematização?
- Quais as unidades de investigação, ou seja, as vozes que os relatos vêm contemplando?
- As descrições possibilitam a identificação de momentos significativos nas experiências? Quais são eles?

Esses momentos significativos podem ser exemplificados como:

- a preparação, o desenvolvimento, a avaliação e a reconstrução da prática de uma experiência de formação;
- os momentos de uma experiência de produção que se distinguem pelo grau de participação dos sujeitos que a integram;
- os momentos de uma mobilização popular que se distinguem pelo grau de radicalização do enfrentamento das forças em oposição e outros.

Ainda é necessário seguirmos com perguntas à experiência sob sistematização: quais os principais termos – *categorias e conceitos* – que aparecem nos relatos? Quais os significados que assumem no transcurso da experiência

narrada? O que estão afirmando e/ou negando? Têm apresentado mudanças de significado no transcurso da experiência?

Estes, a partir dos significados que adquirem na experiência, podem ser associados a alguma teoria consolidada? Até que ponto lidar com essas categorias e conceitos, a partir dos significados adquiridos na prática, pode ter sido a razão de a mesma ter tomado os rumos que tomou?

CATEGORIAS E CONCEITOS:

A distinção entre esses dois termos tem sido motivo de discussões e de estudos de nossa parte. Tendemos a considerar ambos como resultado de abstrações do real; são elaborações da consciência que se propõem à apreensão dos aspectos essenciais dos fenômenos da realidade e de suas relações. Marx refere-se a categorias como expressões abstratas de relações sociais reais, produtos históricos e transitórios (Carta a Annenkov, [1846]). É a expressão mais encontrada em sua obra para referir-se às expressões abstratas dessas relações. Tendemos a considerar *categoria* o termo mais simples, que não suporta subdivisões. Ao mesmo tempo, é mais universal, podendo estender-se a todos os objetos e fenômenos, tanto da natureza como da sociedade e do pensamento. Ex: quantidade, qualidade, relação, contradição. Samaja, citando Galtung, teria se referido às categorias como unidades “sem estrutura” (1993: 110). Não se subdividem. Como *conceito* estamos considerando os termos mais complexos e mais abstratos. São elaborações da consciência que se propõem à apreensão dos aspectos essenciais dos fenômenos da realidade e de suas relações. Podem apresentar várias dimensões (o que não ocorre com as categorias) como, por exemplo, o conceito de educação, que pode ser visto a partir da relação educador-educando, destes com os conteúdos programáticos da atividade educativa referenciada, dos sujeitos com os métodos e técnicas utilizadas nos percursos educativos e ainda com as práticas mais amplas às quais a dinâmica educativa está associada. Um conceito geralmente capta, nos fenômenos, um “o quê” (elementos), um “como” (caminho) e um “para quê” (finalidade). Pode ser apreendido com o auxílio de categorias como: relação, contradição etc. Tanto os conceitos como as categorias podem apresentar mudanças em seus conteúdos, já que são

expressão de “realidades” em movimento.

A seguir apresentamos, como sugestão para análise, matrizes que podem favorecer um movimento de decomposição das práticas ou experiências sob sistematização e o reconhecimento dos elementos que as constituem, bem como das formas como estes se apresentam. Podem dar destaque às relações que as práticas experimentam interna e externamente.

No reconhecimento dos elementos resultantes da decomposição referida, vamos identificar a manifestação dos processos sócio-históricos, criando determinações, atribuindo significados, reproduzindo-se nessas práticas ou experiências concretas que são nossos objetos de sistematização. Vamos reconhecer, também, a presença da dimensão cultural e dos processos de interação de sujeitos e culturas que agregam significados e recompõem relações ao contraporem-se, ou mesmo reafirmarem (ao seu modo) as determinações dos processos mais amplos, complexificando o objeto da sistematização.

Ao utilizarmos a primeira matriz, vamos identificando partes da experiência e associando às mesmas seus elementos, as relações que estas mantêm entre si, com o todo da experiência e com o contexto.

MATRIZ NÚMERO UM

MATRIZ AUXILIAR DE ANÁLISE (EXEMPLO 1)				
MÓDULO ou unidade temática	O QUÊ? (conteúdo)	COMO? (métodos e técnicas)	PARA QUÊ? (objetivos)	QUEM? (sujeitos)
Um				
Dois				
Três				
...				

_____ **RELAÇÕES** _____ **CONTEXTO**

Com os dados da primeira matriz, que representa as práticas de forma mais próxima, podemos criar uma segunda. Entre os termos que identificamos na primeira matriz e repassamos à segunda estão incluídos elementos internos às práticas e elementos do contexto sócio-histórico e cultural aos quais elas estão associadas.

A segunda matriz revela um nível maior de abstração no tratamento das experiências, mas conservando-as como referência de significado. Reúne as principais categorias e conceitos, as freqüências com que se manifestam e seus significados, aponta as relações que pressupõem, todos esses, elementos localizados nos relatos do desenvolvimento de práticas concretas. Esse procedimento atribui concretude às expressões abstratas; não as deixa soltas; estabelece um “pertencimento”.

Para ser construída, essa matriz demanda diferentes movimentos do pensamento – movimento de comparação, de ordenação, de agregação – e desenvolve hipóteses que antecipam vínculos e relações, que demandam teoria e que não estão isentas de valores. Lança mão de teorias e referencia sistemas de valores. Esta é outra razão pela qual insistimos na presença das diferentes vozes nos processos de sistematização. Assim como no plano da racionalidade ocorre a expressão, o confronto e a negociação de conhecimentos, no plano dos valores também essa dinâmica vai se reproduzir. E é necessária, para dar direcionamento às práticas.

MATRIZ NÚMERO DOIS

MATRIZ AUXILIAR DE ANÁLISE (EXEMPLO 2)				
Sujeitos ou Vozes	Termos	Freqüências	Significados	Relações
Educadores				
Educandos				
Dirigentes				
Comissão de Sistematização				
Outros				

Sobre essa matriz de dados, podemos avançar em nossa análise e interpretação, identificando:

- **convergências e divergências;**
- **presenças e ausências;**
- **tendências e associações;**
- **tensões;**
- **pertencimentos.**

Vamos verificar se estas convergências, presenças, tendências, tensões etc. etc. advêm das relações e dos significados assumidos pelos termos que as experiências destacam e como são geradas essas relações e esses significados.

Também são identificados os sujeitos que estão presentes na base desses processos criativos.

Podemos reconhecer os elementos em tensão e os pólos que se opõem.

Podemos identificar e refletir sobre os sistemas de valores presentes nos pólos reconhecidos: se um está sendo apresentado como negativo e o outro como positivo, em relação a alguma referência, como, por exemplo, a “construção da autonomia dos educandos”; ou se ambos são positivos, em relação a essa referência; se existe um terceiro elemento entrando em campo e produzindo ou intensificando a tensão etc.

Podemos também identificar associações não tensionadas entre os elementos presentes na matriz de dados.

É ainda possível procurar identificar em qual ou em quais momentos da experiência essas convergências, divergências, presenças, ausências e tensões ocorrem com maior intensidade e frequência.

Outro movimento importante corresponde ao acompanhamento das mudanças de conteúdos e formas que podem ser verificadas nos termos (conceitos e categorias) e nas relações. E a associação destas a teorias de “tipo mais elevado”.

Todo esse processo reflexivo dirige-se à produção de conhecimento de

modo a compreendermos mais as experiências que estão sendo sistematizadas, a melhor entendermos as relações que o eixo temático da sistematização propõe e as perguntas orientadoras detalham e a retornarmos à experiência com o que foi produzido.

NOVAS ELABORAÇÕES

Quando afirmamos que as narrativas das experiências construídas em nossos processos de sistematização podem elevar as experiências a objetos teórico-empíricos de investigação – a objetos construídos – e também se transformarem em fontes de dados para os nossos processos de análise e interpretação, estamos não só reafirmando o caráter de processo de produção de conhecimento sobre e para práticas concretas, próprio da sistematização, como também aventando a possibilidade de avançar nesta produção. Este avançar não rompe com a lógica do processo, ou seja, mantém a teorização acontecendo referenciada à concretude das práticas; mantém a característica de conhecimento prático à produção que vier a ser feita; mantém a necessidade da polifonia na construção/reconstrução que conformará o **novo** no processo de produção de conhecimento.

O desenho da sistematização, nesta nova “etapa”, pode seguir diferentes caminhos, como: a) constituir novo processo, com a definição de subeixos de sistematização a partir de problemas não resolvidos pelo processo primeiro; b) dar continuidade ao primeiro processo, elegendo subeixos subordinados ou transversais ao primeiro (como entraram, no caso em questão, as temáticas de gênero e raça); dar continuidade ao processo, formulando hipóteses ou novas perguntas orientadoras sobre o mesmo eixo temático, buscando o aprofundamento de parte ou de aspectos do problema maior que o eixo definiu.

Nos três casos, a sistematização se dirige à fronteira com a investigação: passa a exigir maior densidade teórica nas reflexões, e a lógica de exposição do conhecimento produzido que passa a adotar torna-se mais flexível, não necessitando ater-se à cronologia, nem à reconstituição de processos.

Por sua vez, mantém e avança nos processos de descobrir e manipular categorias e conceitos abstratos, identificar seus vínculos e relações e assumir tarefas mais formais, como as comparações, as agregações de termos, as contrastações, que fazem parte da busca de soluções teóricas aos problemas apresentados na prática (Goetz, LeCompte, 1988: 175); problemas que são de caráter teórico-prático (pois se fossem somente práticos se resolveriam com as avaliações). Essas “operações teóricas” podem ser socializadas através de produtos de comunicação das experiências, como: relatórios, livros, artigos de revistas, exposições orais e outras formas de comunicação, como vídeos, músicas e diversas modalidades de expressão corporal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicação à educação. *In Em Aberto*, Brasília,

DUROZOI, G., ROUSSEL, A. **Dicionário de filosofia**. Campinas: Papirus, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GHISO, Alfredo. **De la práctica singular al dialogo con lo plural: aproximaciones a otros transitos y sentidos de la sistematización en épocas de globalización**. Medellín: FURLAN-CEAAL, 1998 (Ponencia presentada al Seminário latinoamericano “Sistematización de prácticas de animación sociocultural y participación ciudadana en América Latina”)

GOERTZ, J.P., LECOMPTE, M.D. **Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa**. Madrid: Morata S. A , 1988.

HELLER, Agnes. **História y futuro: sobrevivirá la modernidad?** Barcelona: Península, 1991.

JARA, Oscar H. **Para sistematizar experiencias: una propuesta teórica y práctica**. San José: Centro de Estudios y Publicaciones, ALFORJA, 1994.

MARTINIC, Sergio. **El objeto de la sistematización y sus relaciones con la evaluación e la investigación**. Medellín: FURLAM-CEAAL, 1998. (Ponencia presentada al Seminário latinoamericano “Sistematización de prácticas de animación sociocultural y participación ciudadana en América Latina”).

MARX, K. Carta a P.V. Annenkov. Bruxelas, 1846. *In* MARX, K., ENGELS, F. **Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, [196-].

SAMAJA, Juan. **Epistemología y metodología: elementos para una teoría de la investigación científica**. Buenos Aires: EUDEBA, 1993.

EXECUTIVA NACIONAL DA CUT

João Felício
Presidente

Mônica Valente
Vice-Presidente



Carlos Alberto Grana
Secretário-Geral

Remígio Todeschini
Primeiro Secretário

João Vaccari Neto
Tesoureiro

Kjeld Aagaard Jakobsen
Secretário de Relações Internacionais

Gilda Almeida de Souza
Secretária de Política Sindical

Altemir Antonio Tortelli
Secretário de Formação

Sandra Rodrigues Cabral
Secretária de Comunicação

Pascoal Carneiro
Secretário de Políticas Sociais

Rafael Freire Neto
Secretário de Organização

DIRETORIA EXECUTIVA

José Jairo Ferreira Cabral, Maria Ednalva Bezerra de Lima, Elisângela dos Santos Araújo, Luzia de Oliveira Fatti, Rita de Cássia Evaristo, Lúcia Regina dos Santos Reis, Jorge Luis Martins, Lujan Maria Bacelar de Miranda, Temístocles Marcelos Neto

José Maria de Almeida, Júnia da Silva Gouvêa
Wagner Gomes, Gilson Luis Reis, Júlio Turra

SUPLENTES

José Gerônimo Brumatti, Francisco Alano
Aldanir Carlos dos Santos, Wanderley Antunes Bezerra, Rosane da Silva, Dirceu Travesso, Mônica Cristina da S. Custódio